

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**Clima relacional em famílias adotivas: A influência do
padrão de vinculação dos pais e do stress parental**

Sheyla Pereira Terra

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica

Sistémica)

2017

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**Clima relacional em famílias adotivas: A influência do
padrão de vinculação dos pais e do stress parental**

Sheyla Pereira Terra

Dissertação orientada pela Professora Doutora Isabel Santa Bárbara Narciso

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica
Sistémica)**

2017

“Time for you to go out to the places you will be from.”

Semisonic, (1998)

Agradecimentos

E porque o caminho não se fez sozinho...

À Professora Doutora Isabel Narciso, por me guiar neste caminho, por vezes difícil. Por partilhar comigo os seus conhecimentos, por me orientar ao longo destes (quase) dois anos, por me ensinar que “a perfeição não existe, o que existe é o aperfeiçoamento” e acima de tudo por me ter deslumbrado no Mundo que é a Sistémica e no qual hoje me sinto em casa.

À Daniela, caleidoscópio Humano, pela luz que faz brilhar nos meus dias, por ser um pilar na minha vida, pela força e por acreditar sempre em mim e que o melhor ainda está por vir.

À Diana, pelo espírito crítico, por me fazer ver sempre os dois lados das coisas, pela amizade inesperada.

À Rititi, por ser gargalhada constante e por esta amizade descomplicada.

À Rita, pela presença, pela aceitação, por me aturar mais do que devia.

Aos amigos da fornada de 2010, Ana G., Ana S., André e João pelo companheirismo e amizade de anos.

Aos meus amigos ilhéus, aos que por cá passaram e aos que lá ficaram, por me lembrarem sempre das minhas raízes e pela amizade e pertença, cá e lá.

Aos amigos que a Faculdade me trouxe ao longo de todos estes anos, são demasiados para nomear, mas com vocês cresci e aprendi e levo-vos comigo.

Aos meus amigos que de uma forma ou outra me ajudaram ao longo desta jornada.

À Dra. Marta Santos Nunes, por toda a ajuda que sempre me deu, pela preciosa disponibilidade e conselhos.

Às professoras sistémicas, Carla Crespo, Maria Teresa Ribeiro, Marta Pedro e Rita Francisco, pela transmissão de conhecimentos ao longo dos anos, pelo gosto em ensinar, levo-as também comigo.

Finalmente, aos meus pais e irmão, por serem o meu porto seguro, por me apoiarem de todas as formas possíveis e imagináveis, por acreditarem sempre, pela confiança e por me ensinarem que Saudade é um sentimento infinito, mas que é sinónimo de Amor.

Obrigada!

Resumo

Apesar das inúmeras semelhanças entre parentalidade adotiva e biológica, os pais adotivos enfrentam processos e especificidades familiares únicos que advêm, em grande parte, do facto de os filhos virem de “fora” do sistema familiar, trazendo histórias e experiências (adversas) prévias. No presente estudo pretendeu-se: 1) comparar pais adotivos e biológicos relativamente a padrões de vinculação dos pais, *stress* parental e clima relacional familiar; 2) analisar a relação entre padrões de vinculação dos pais, *stress* parental e clima relacional familiar, considerando pais adotivos e pais biológicos; 3) analisar o contributo do *stress* parental (distress parental; interação disfuncional; criança difícil) e de padrões de vinculação dos pais (seguros vs. inseguros) para o clima relacional familiar (coesão e conflito) em pais biológicos e pais adotivos. A amostra incluiu 135 pais adotivos e 187 pais biológicos. Os participantes responderam aos seguintes instrumentos: Índice de Stress Parental (versão reduzida), a versão portuguesa do Questionário de Estilos Relacionais, e a *Family Environment Scale*. Verificou-se que os pais adotivos apresentaram níveis menos elevados de conflito familiar, e que o *stress* parental contribui para o clima relacional familiar.

Palavras-chave: pais adotivos; *stress* parental; vinculação; clima relacional familiar.

Abstract

Despite the various resemblances between adoptive and biologic parenthood, adoptive parents face unique family processes and specificities that come, largely, from the fact that their kids come from “outside” their family system. The present study aimed to: 1) compare biological and adoptive parents in their attachment styles, parental stress and family environment; 2) analyze the relation between parents’ attachment styles, parental stress and family environment, considering biological and adoptive parents; 3) analyze the contribute of parental stress (parental distress, dysfunctional interaction, difficult child), and of parents’ attachment styles (secure vs. insecure) in the family environment (cohesion and conflict) in biological and adoptive parents. Our sample consisted of 135 adoptive parents and 187 biological parents. Participants responded to the following instruments: Parental Stress Index in its short-form, the Relationship Questionnaire in its Portuguese version and the Family Environment Scale. We verified that adoptive parents showed less levels of family conflict and that parental stress contributes to family environment.

Keywords: adoptive parents; parental stress; attachment; family environment.

Índice

Introdução.....	1
Enquadramento Teórico	2
O Clima Relacional Familiar em Famílias Adotivas	3
Stress Parental em Famílias Adotivas.....	5
Vinculação dos Pais	7
Método.....	10
Desenho da Investigação	10
Questão de Investigação, Objetivos e Hipóteses	10
Participantes.....	12
Procedimento de recolha de dados.....	13
Instrumentos e Variáveis em Estudo	14
Procedimento de análise de dados	15
Resultados.....	17
Análises Descritivas e Comparação entre Grupos (Biológicos e Adotivos).....	17
Análise de Correlações	20
Modelos de Regressões Múltiplas Hierárquicas	23
Discussão.....	29
Conclusão	32
Referências Bibliográficas.....	34

Introdução

A criação de uma família através do processo de adoção tem dinâmicas diferentes das famílias com crianças biológicas (Atkinson & Gonet, 2007). A literatura na área da parentalidade adotiva refere que estas famílias encontram mais desafios e obstáculos do que famílias biológicas, mas por outro lado, apresentam mais forças e recursos, comparativamente a famílias biológicas (Brodzinsky & Huffman, 1988).

Atualmente, o estudo das famílias adotivas segue uma vertente mais relacionada com a família e os seus processos relacionais, nomeadamente a comunicação sobre a adoção, a vinculação (Palacios & Brodzinsky, 2010), *stress* e clima relacional familiar (Ji, Brooks, Barth e Kim, 2010). Deste modo, parece muito relevante realizar investigações que se enquadrem nesta vertente atual do estudo das famílias adotivas.

Este estudo enquadra-se numa investigação mais ampla acerca da parentalidade adotiva, sob a orientação da Professora Doutora Isabel Narciso, a decorrer na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa e pretende contribuir para o conhecimento acerca do funcionamento das famílias adotivas, comparativamente às famílias biológicas, na perspetiva dos pais.

Esta dissertação de Mestrado divide-se em cinco partes: o Enquadramento Teórico, onde se faz um resumo da literatura e investigação na área da parentalidade adotiva no geral e sempre que possível nos processos relacionais que nos propomos a estudar; o Método, que descreve a amostra utilizada, bem como os procedimentos e instrumentos utilizados, os objetivos e hipóteses para o estudo; os Resultados, onde são descritos os resultados das análises estatísticas realizadas; a Discussão, onde se reflete acerca dos resultados obtidos; e, finalmente uma Conclusão, uma forma de reflexão e resumo dos resultados encontrados e as suas implicações e limitações do estudo.

Enquadramento Teórico

As famílias adotivas, cada vez mais comuns, constituem uma forma de família com uma configuração diferente da família tradicional. Sá e Cunha (cit. por Ferreira, Pires & Salvaterra, 2004) descrevem o processo de adoção como a forma através da qual um indivíduo que nasceu num grupo familiar ganha novos laços de parentesco com outra família, laços esses que socialmente equivalem a laços de sangue, sendo normalmente formalizados por um processo legal de adoção, que Carnes-Holt (2012) referiu ser caracterizado por emoções intensas, grandes esforços e surpresas. Apesar desta formalização legal do processo, e da funcionalidade destas famílias, Levy-Shiff, Golschmidt e Har-Even (1991) e Brodzinsky (1990) afirmam que as famílias adotivas se confrontam com o estigma social, ignorância e até mesmo atitudes negativas por parte de outros. No mesmo sentido, Rosser-Limiñana (2015) constatou que as famílias adotivas sentem, ainda, que são consideradas como “menos família” aos olhos da sociedade, isto porque os padrões da sociedade consideram estas formas de família menos satisfatórias do que as que têm por base laços biológicos.

As investigações na área da parentalidade adotiva encontram várias diferenças entre famílias adotivas e famílias biológicas. Estas diferenças podem ser observadas na configuração do casal – e.g., pais adotivos são, no geral, mais velhos, casados há mais tempo e com mais condições financeiras do que pais biológicos (Brodzinsky & Huffman, 1988; Brodzinsky & Pinderhughes, 2002; Howat-Rodrigues, Tokumaru, Amorim, Garcia & Izar, 2013) e, na sua maioria, passaram por um processo de descoberta de infertilidade. A infertilidade, apesar de poder ser considerada uma crise e um fator de *stress*, funciona também como motor de expectativas positivas para a parentalidade adotiva, uma vez que já sofreram por serem inférteis (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002). Tomada a decisão de adotar, os pais adotivos confrontam-se com outros fatores adversos, nomeadamente, o tempo indefinido que têm de esperar até que “chegue” o filho. Pais biológicos têm um prazo certo, previamente estipulado pela duração da gravidez até serem finalmente pais, enquanto pais adotivos têm um processo variável no que concerne ao tempo. Segundo Brodzinsky e Pinderhughes (2002), esta incerteza é causadora de *stress*, confusão, sentimentos de desamparo, ansiedade e atitudes defensivas nos pais que aguardam a finalização do processo de adoção (Levy-Shiff, Goldshmidt & Har-Even, 1991). Contudo, e apesar destes desafios, vários estudos demonstram que pais adotivos apresentam maiores níveis de satisfação conjugal, apoio social e de recursos psicológicos fornecidos

pela família e amigos do que pais biológicos, o que poderá levar a uma melhor adaptação à vivência da parentalidade (e.g., Brodzinsky & Pinderhughes, 2002; Rijk, Hoksbergen, ter Laak, van Dijkum & Robbroeckx, 2006). Os filhos adotivos, por sua vez, apresentam maioritariamente um grande sentido de pertença e uma forte identificação com a família adotiva (Triseliotis & Hill, 1990).

A transição para a parentalidade adotiva tem vindo a ser muito estudada pela sua especificidade, particularmente o estudo do ajustamento das crianças adotadas e os processos biológicos, contextuais e psicossociais que fazem este ajustamento variar (Palacios & Brodzinsky, 2010). A revisão da literatura empírica mais recente sobre parentalidade adotiva permite compreender o destaque de diversos temas, tais como *stress* parental (e.g., Howat-Rodrigues et al., 2013; Sánchez-Sandoval & Palacios, 2012; Lionetti et al., 2015), a influência dos estilos de vinculação dos pais (e.g., Lionetti, 2014; Lionetti et al., 2015), o ajustamento das crianças (e.g., Ji, Brooks, Barth & Kim, 2010) e o conflito familiar (Palacios & Brodzinsky, 2010; Palacios & Sánchez-Sandoval, 2006). Assim, seguindo esta linha de investigação focada na família e nos seus processos relacionais, pretende-se, no presente estudo, analisar as associações entre padrões de vinculação dos pais (variável individual dos pais), *stress* parental (variável parental) e clima relacional familiar (variável familiar).

O Clima Relacional Familiar em Famílias Adotivas

O clima familiar positivo funciona como um fator desenvolvimental protetor das crianças, quer biológicas, quer adotadas (Brofenbrenner & Morris, 2006 cit. por Xing Tan, Camras, Deng, Zhang & Lu, 2012; Hodges, 2008), podendo ser avaliado através de diversas dimensões, como, a comunicação, a adaptabilidade, a expressividade, a coesão e o conflito familiar.

Ji, Brooks, Barth e Kim (2010) afirmam, no seu estudo sobre o impacto do clima relacional familiar no ajustamento psicossocial dos jovens adotados, que há ainda pouco conhecimento sobre o papel do clima relacional familiar nas famílias adotivas e, especificamente, na forma como as crianças adotadas se desenvolvem. No mesmo estudo, os autores concluem que o grau em que uma família percebe a sua vida familiar como compreensível, gerível e com significado, influencia fortemente o ajustamento das crianças. O ajustamento das crianças é também influenciado pela comunicação apoiante, controlo parental, conflito entre pais e filhos (Rueter, Keyes, Iacono, & McGue, 2009) e

pelo estilo de vinculação dos pais (Roberson, 2006; Santona & Zavattini, 2005). Muñoz, Rebollo e Molina (2005) referem investigações com famílias biológicas que demonstram que a falta de compreensão, comunicação e a insatisfação familiar, estão relacionadas com a maior frequência de conflito entre filhos adolescentes e as suas mães e que estudos com famílias adotivas demonstram que estas são mais afetivas e comunicativas. Assim, de acordo com os autores, estes resultados sugerem que em famílias adotivas o conflito familiar é menos frequente. Uma explicação dada pelos autores, para esta diferença entre pais adotivos e pais biológicos, é que os pais adotivos poderão estar mais sensibilizados, por conhecerem o passado dos filhos, como por exemplo, possíveis institucionalizações, adoções que não chegaram ao fim, e desse modo, esforçam-se para evitar conflitos.

Outro aspeto fundamental do clima relacional familiar em famílias adotivas é a comunicação, nomeadamente a comunicação aberta acerca da adoção, que é apontada pela literatura como um fator promotor do clima relacional positivo, do ajustamento das crianças (Martin, Kelly, & Towner-Thyrum, 1999) e da criação da sua identidade adotiva, embora esta não dependa apenas da comunicação específica acerca da adoção (Horstman, Colaner & Rittenour, 2016). A coesão familiar - grau de compromisso, ajuda e suporte familiar que os membros de uma família prestam uns aos outros (Lucey & Lam, 2011) – também é um indicador do clima relacional, particularmente interessante no estudo de famílias adotivas, dado que estas vivenciam desafios diferentes dos das famílias biológicas (Levy-Shiff, Goldshmidt & Har-Even, 1991), nomeadamente a integração de uma ou mais crianças que poderão ter uma história familiar anterior, que poderá ser pautada por más experiências que acabaram por levar à retirada da família (Hodges, 2008; Rosser-Limiñana, 2015). Assim, são necessários esforços adicionais para construir um novo significado para a sua família e um sentido de pertença à mesma. No estudo de Martin, Kelly, & Towner-Thyrum (1999), o grau de coesão familiar estava relacionado com a satisfação dos adolescentes adotados e com o grau de comunicação acerca da adoção por parte dos pais, bem como a baixos níveis de conflito familiar. Já Xing Tan et al., (2012) tomam uma posição mais ecológica e afirmam que o clima relacional familiar está incorporado no sistema sócio-cultural e que é influenciado pelas experiências de cada membro da família nesses mesmos sistemas, experiências essas que podem ser causadoras de *stress* familiar.

Finalmente, o conflito familiar enquanto dimensão do clima relacional familiar e dos processos familiares, estudado nas famílias biológicas como disfunção, é apontado como fator debilitante do bem-estar familiar e do próprio ajustamento das crianças

(Cummings & Schatz, 2012). Yoo, Adamsons, Robinson e Sabatelli (2015) apontam ainda que dimensões do clima relacional familiar, incluindo o conflito familiar, influenciam a experiência da parentalidade por serem causadoras de *stress*.

Uma vez que níveis baixos de *stress* parental contribuem para uma parentalidade positiva com efeitos positivos no ajustamento das crianças (Deater-Deckard, 1998), é plausível supor que o clima relacional familiar seja também influenciado pelo *stress* parental. Tanto quanto sabemos pela literatura disponível, a relação entre clima relacional familiar e *stress* parental em famílias adotivas não tem sido muito estudada.

Stress Parental em Famílias Adotivas

Ser pai é uma tarefa exigente que traz consigo dificuldades e desafios, o que pode ser experienciado como stressante. O *stress* parental é um tema muito estudado na Psicologia da Família, sendo definido como uma reação psicológica aversiva às exigências de se ser pai, o que pode desencadear sentimentos negativos para consigo próprio ou para com a criança (Deater-Deckard, 1998). Inclui componentes como a satisfação parental, a adaptação ao temperamento e comportamento da criança (*stress* relativo à criança) e a própria adaptação ao papel parental (Judge, 2003). A literatura refere que baixos níveis de *stress* parental, são promotores de uma parentalidade positiva e de bons resultados no desenvolvimento da criança (Deater-Deckard, 1998).

No que se refere às famílias adotivas, a literatura empírica revista sobre *stress* parental não apresenta resultados consensuais. Farr, Forssell e Patterson (2010) referem estudos de Brodzinsky e Pinderhughes (2002) e de Ceballo, Lansford, Abbey e Stewart (2004) que permitiram concluir que pais adotivos reportam níveis mais baixos de *stress* parental do que pais biológicos. Também Palacios e Sánchez-Sandoval (2006) chegaram, nos seus estudos, a estes mesmos resultados, os quais se podem explicar pelo facto de, em média, os pais adotivos serem consideravelmente mais velhos do que pais biológicos, e, portanto, terem mais maturidade e mais recursos para lidar com as dificuldades associadas à parentalidade (Levy-Shiff, Goldshmidt & Har-Even, 1991; Ceballo et al., 2004). Ceballo et al. (cit. por Palacios & Sánchez-Sandoval, 2006) sugerem que os pais adotivos revelam níveis menores de *stress* parental porque já passaram por outras adversidades prévias à chegada do filho, nomeadamente, situações de infertilidade e o próprio processo de adoção. Goldberg e Smith (2014), no seu estudo com casais heterossexuais, gays e lésbicas, avaliaram a qualidade da relação conjugal de pais

candidatos à adoção, antes e depois de adotarem. Chegaram à conclusão de que uma boa relação conjugal prévia, é um fator protetor do *stress* parental, porque ajuda a minimizar os desafios que a parentalidade acarreta. Referem ainda que estes resultados são consistentes com investigação prévia com pais biológicos.

Há que salientar que grande parte dos estudos sobre *stress* parental em famílias adotivas referem-se a contextos em que as crianças são adotadas precocemente, o que será certamente diferente de outras realidades, tais como a adoção em Portugal, que se aproximam mais do que os investigadores norte-americanos chamam de adoção de crianças com necessidades especiais – e.g., crianças mais velhas, vítimas de negligência e abuso, institucionalizadas, portadoras de deficiência -, bem como de adoções inter-raciais, e que poderão ser geradoras de níveis de *stress* parental mais elevados (McGlone, Santos, Kazama, Fong & Mueller, 2002). Judge (2003) afirma que a adoção de uma criança institucionalizada pode ser vista como um processo no qual a família se deparará com vários stressores e com tarefas psicossociais. Neste âmbito, os resultados dos estudos nesta área são um pouco diferentes dos anteriormente referidos. Num estudo realizado por McGlone et al. (2002), os autores constataram níveis mais elevados de *stress* parental – quer na dimensão dificuldade de interação pai-filho, quer na dimensão criança difícil - em pais adotivos de crianças com necessidades especiais comparativamente com a amostra normativa. A literatura revela que os problemas comportamentais dos filhos são o fator mais importante no que diz respeito ao *stress* parental, quer para pais, quer para mães (Deater-Deckard, Smith, Ivy & Petril, 2005; Judge, 2003). Rijk et al. (2006) encontraram também maiores níveis de *stress* parental em pais adotivos, comparativamente a pais biológicos no seu estudo com crianças com problemas comportamentais e de saúde.

Outro fator, apontado pela literatura como relevante para a adaptação/regulação do *stress* parental, são as expectativas relativas à adoção. Berástegui (2007) chegou à conclusão de que as famílias que apresentavam uma visão mais realista acerca da adoção, conseguiam antecipar as possíveis dificuldades e encará-las de forma otimista e positiva, apresentando melhores níveis de adaptação. Poderá pensar-se que uma maior adaptação à situação de parentalidade adotiva e aos seus desafios, será promotora de menores níveis de *stress* parental. Ainda assim, até mesmo esta área das expectativas relativas à adoção, não se mostra consensual na literatura. Outro estudo de Viana e Welsh (2010), obteve resultados no sentido contrário ao estudo referido anteriormente, pais adotivos que apresentavam expectativas de cenários mais negativos (problemas emocionais,

comportamentais e desenvolvimentais na criança) reportavam níveis mais elevados de *stress* parental.

Apesar destas experiências de *stress* relacionado com as tarefas da parentalidade, e pela experiência da parentalidade adotiva, McKay e Ross (2010) concluíram que os pais adotivos reportam um sentimento de realização que advém dessas mesmas experiências de parentalidade e que é mais significativo do que o *stress* sentido.

Vinculação dos Pais

A teoria da vinculação tem sido utilizada como quadro concetual do estudo da regulação das emoções (Shaver & Mikulincer, 2013), embora ao longo do tempo tenha sido utilizada como quadro concetual noutras áreas, como por exemplo, na criação de um bom ambiente para o desenvolvimento de uma criança (Groza & Muntean 2016) e criados outros modelos de vinculação, como é o caso do modelo proposto por Bartholomew e Horowitz (1991). Estes autores propuseram um modelo de vinculação a partir de duas dimensões – ansiedade e evitamento - que define quatro estilos de vinculação: (1) seguro, que se configura como baixa ansiedade e baixo evitamento, e traduz uma elevada auto-estima e uma perceção positiva dos outros (vistos como responsivos, confiáveis e aceitantes). Assim, os indivíduos com um padrão de vinculação seguro não receiam envolver-se em relações de intimidade e proximidade; (2) preocupado, que se configura como elevada ansiedade e baixo evitamento, o que é associado a baixa auto-estima e perceção positiva dos outros. Neste padrão preocupado, os indivíduos procuram intensamente a proximidade interpessoal mas devido à sua baixa auto-estima, receiam o abandono e a perda do outro, e revelam fracas expectativas de eficácia relacional; (3) evitante-amedrontado, que se configura como elevada ansiedade e elevado evitamento, e caracterizado por baixa auto-estima e perceção negativa dos outros. Os indivíduos com um padrão evitante amedrontado revelam necessidade de relações de intimidade e proximidade, mas dado que não acreditam nem no seu valor pessoal, nem no valor dos outros enquanto pessoas, optam pela distância interpessoal; (4) evitante-desligado, que se configura como baixa ansiedade e elevado evitamento, associado a elevada auto-estima e perceção negativa dos outros. Neste padrão, situam-se indivíduos que se consideram auto-suficientes e sem necessidade de envolvimento em relações de intimidade e proximidade.

Bartholomew & Horowitz (1991) chamam a atenção para o facto de muitos sujeitos não apresentarem um único protótipo de vinculação, mas sim uma tendência

predominante. O funcionamento relacional do indivíduo rege-se pelo seu estilo de vinculação predominante, particularmente nas relações de maior proximidade como relações amorosas e relações entre pais e filhos. Num estudo de Santos, Crespo, Canavarro e Kazak (2016) sobre vinculação amorosa e a sua influência em áreas do clima relacional familiar, como a coesão e rituais familiares, verificou-se que o estilo de vinculação evitante dos pais prediz níveis mais baixos de valorização de rituais familiares e de coesão familiar. Também Mikulincer e Florian (1999) realizaram um estudo em que concluíram que cônjuges com estilos de vinculação seguros ou ansiosos-ambivalentes percecionavam mais coesão familiar do que cônjuges evitantes. Tanto quanto é do nosso conhecimento, estes são dos poucos estudos que relacionam estilos de vinculação e clima relacional familiar, sendo, portanto, um ponto de partida para a exploração desta influência noutras áreas como a parentalidade, quer adotiva quer biológica.

Num estudo realizado por Rholes, Simpson e Friedman, (2006), os autores concluem que os adultos com estilos de vinculação evitante sentem dificuldade em prestar apoio emocional a outros adultos, sendo, pois, possível que também encontrem essas mesmas dificuldades na prestação de apoio aos seus filhos. Assim, consideram que os pais com vinculação insegura podem achar a parentalidade especialmente stressante, o que é consonante com os resultados encontrados por Salcuni, Miconi, Altoè e Moscardino (2015), os quais mostram que a vinculação ansiosa tem um papel central na predição do *stress* parental em famílias adotivas. Nygren, Carstensen, Ludvigsson, e Sepa Frostell (2012) hipotetizam que a forma como os pais agem nas suas relações íntimas afeta os níveis de *stress* na família bem como o *stress* parental, isto porque o estilo de vinculação regula a capacidade de se lidar com eventos stressantes e afeta a capacidade de se procurar ajuda para se lidar com os mesmos. Os autores baseiam esta hipótese em duas investigações sobre estilos de vinculação e *stress* parental em famílias biológicas: uma em que se verificaram níveis mais elevados de *stress* em vários domínios da parentalidade em pais com estilos de vinculação amedrontados (ver Vasquez, Durik, & Hyde, 2002); e outra em que se observaram níveis mais elevados de *stress* parental em pais com estilos de vinculação evitantes, após o nascimento do primeiro filho (Rholes, Simpson, & Friedman, 2006).

O estudo dos estilos de vinculação dos pais e a sua influência na parentalidade e na qualidade da sua relação com os filhos tem vindo a ser estudado há cerca de trinta anos (Jones, Cassidy & Shaver, 2014). Contudo, e de acordo com Arredondo e Edwards (2000) e Haight et al. (2003) ambos citados por Barth, Crea, John, Thoburn & Quinton, (2005), o

estudo desta influência nas famílias adotivas e famílias de acolhimento só recentemente começou a ganhar relevância. Esta influência traduz-se particularmente nos cuidados que os pais prestam aos filhos, refletindo-se na forma de proteção, apoio e segurança dados aos filhos, bem como na adaptação da criança e no desenvolvimento de relações estáveis e funcionais (Roberson, 2006). A forma como esta prestação de cuidados se desenvolve tem consequências profundas no desenvolvimento socio-emocional da criança (Mikulincer & Shaver, 2007; Nygren, Carstensenb, Ludvigssona & Sepa Frostell, 2012). A prestação de cuidados que tem como objetivo a proteção e apoio, reduz o sofrimento no outro, fornecendo, assim, o que Bowlby chamou de porto-seguro, e ao mesmo tempo pode fomentar o crescimento e desenvolvimento do outro, o que Bowlby designou de base-segura para a exploração (Mikulincer, Shaver, Gillath & Nitzberg, 2005). Santona e Zavattini (2005) referem ainda que um estilo de vinculação seguro nos pais adotivos, pode ser reparador de experiências traumáticas nos filhos, como por exemplo, experiências de abandono, abuso e institucionalizações e que pais com este estilo de vinculação conseguem mais facilmente apoiar-se mutuamente e lidar melhor com os conflitos. Outro estudo, realizado por Pace, Santona, Zavattini e Folco (2015), levou a investigação na área da vinculação nos pais adotivos um passo mais à frente, estudando casais que querem adotar, ou seja, possíveis pais adotivos. Concluíram que, casais que aguardam adoção têm não só maioritariamente estilos de vinculação seguros, como também dão muito valor às próprias relações de vinculação, o que é considerado um fator relevante para a obtenção de resultados positivos para a adoção, bem como para o próprio desenvolvimento da criança adotada. Estes resultados relativos à predominância do estilo de vinculação seguro, em futuros pais adotivos, foram também encontrados por Calvo, Palmieri, Codamo, Scampoli e Bianco, (2015), que concluíram também, que estes casais reportavam mais perceções positivas de parentalidade, um melhor funcionamento de casal, ajustamento diádico, coesão diádica e expressão afetiva, do que o grupo de controlo de casais que estavam a planear ser pais (não-adotivos).

Método

Desenho da Investigação¹

O presente estudo alicerça-se numa visão ontológica, de realismo crítico, onde a realidade é imperfeita e apreensível apenas de forma aproximada devido a falhas e filtros incontornáveis do ser humano e à complexidade dos fenómenos (Guba & Lincoln, 1994). Assim, pode afirmar-se que se enquadra no paradigma pós-positivista. O desenho metodológico é transversal, através de uma abordagem metodológica quantitativa.

Questão de Investigação, Objetivos e Hipóteses

O presente estudo orienta-se pela seguinte questão de investigação: “*A vinculação dos pais e o stress parental contribuem para o clima relacional familiar em famílias adotivas?*”. Neste sentido, o mapa conceptual da Figura 1 pretende ilustrar os objetivos que, a seguir, se enunciam:

1. Comparar pais adotivos e biológicos relativamente a padrões de vinculação dos pais, *stress* parental e clima relacional familiar.
2. Analisar a relação entre padrões de vinculação dos pais, *stress* parental e clima relacional familiar, considerando pais adotivos e pais biológicos.
3. Analisar o contributo do *stress* parental (*distress* parental; interação disfuncional; criança difícil) e de padrões de vinculação dos pais (seguros vs. inseguros) para o clima relacional familiar (coesão e conflito) em pais biológicos e pais adotivos.

¹ O presente estudo insere-se numa investigação mais abrangente, no âmbito do projeto de doutoramento da Dra. Marta Santos Nunes (Doutoramento Inter-Universitário Coimbra-Lisboa em Psicologia da Família e Intervenção Familiar).

Figura 1. Mapa Concetual

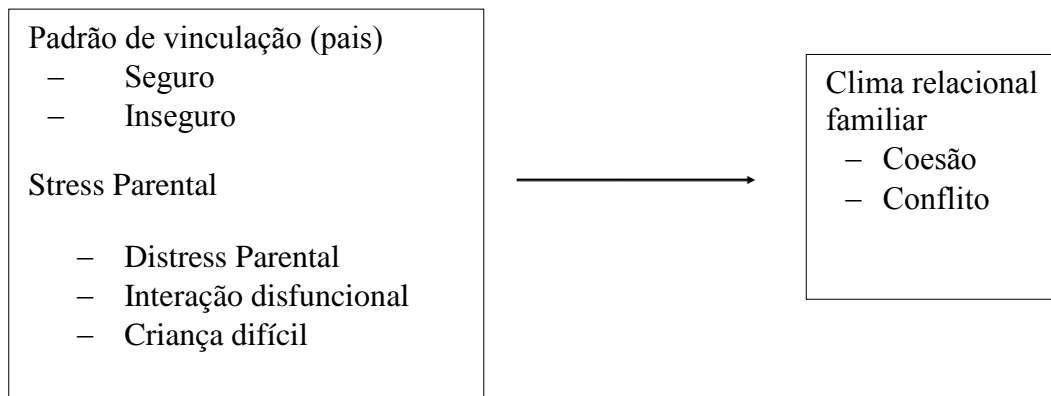


Figura 1. Mapa conceitual das variáveis independentes em estudo e a sua influência na variável dependente: padrões de vinculação dos pais (seguro, inseguro) e *stress* parental (distress parental, interação disfuncional e criança difícil) qual a sua influência no clima relacional familiar (coesão e conflito familiar).

Hipóteses

Tendo por base a revisão de literatura efetuada, colocaram-se sete hipóteses: H1: comparativamente com pais biológicos, espera-se uma percentagem significativamente maior de pais adotivos com vinculação segura; H2: espera-se que pais adotivos e biológicos reportem diferenças significativas ao nível do *stress* parental em todas as suas dimensões, sendo que se espera que pais adotivos reportem menores níveis de *stress*; H3: espera-se que pais adotivos e biológicos reportem diferenças significativas no clima relacional familiar, particularmente que pais adotivos reportem menores níveis de conflito e maiores níveis de coesão; H4: quanto mais segura for a vinculação, menor o nível de *stress* parental e de conflito familiar e maior a coesão familiar em ambos os grupos de pais; H5: quanto maior o *stress* parental, maior o conflito familiar e menor a coesão familiar em ambos os grupos de pais; H6: o estilo de vinculação (seguro) é preditor de coesão familiar e de menor conflito familiar em ambos os grupos de pais; H7: espera-se que o *stress* parental nas suas três dimensões seja preditor de menor coesão familiar e maior conflito familiar, para ambos os grupos.

Participantes

A amostra deste estudo foi constituída por 322 pais, 187 pais biológicos (58.1%) e 135 pais adotivos (41.9%). Os critérios de inclusão na participação do estudo eram os seguintes: (1) ser residente em Portugal; (2) ter filhos entre os 6 e os 12 anos; (3) não estar em situação de gravidez atual; (4) não estar em situação de integração de criança na família, no caso de pais adotivos; (5) filhos adotivos integrados na família há pelo menos dois anos.

Relativamente à amostra de pais biológicos, a maioria dos participantes era do sexo feminino ($n = 153$, 81.8%). As idades das mães eram compreendidas entre os 26 e os 51 anos ($M = 40.2$; $DP = 4.51$). Os pais (masculinos) tinham idades compreendidas entre os 28 e os 56 anos ($M = 42.59$; $DP = 5.38$). Respeitante à origem étnica, os pais biológicos eram maioritariamente caucasianos (95.7%). O nível socioeconómico (SE) dos participantes era maioritariamente alto (79.7%), seguido de um nível SE médio/alto (17.1%). Os pais biológicos tinham na sua maioria completado o ensino superior (81.3%), seguido de 10 a 12 anos de escolaridade (10.2%). No que diz respeito à zona de residência, a maioria residia na zona Centro/Sul (67.9%), outros residiam na zona Centro/Norte (11.2%) e Alentejo (9.6%). A maioria dos pais biológicos estava casada (78.1%), e apenas 10.7% eram divorciados. Os pais casados ou em união de fato tinham entre 2 a 29 anos de convivência ($M = 13.19$; $DP = 4.72$). No que diz respeito ao acompanhamento psicológico/psiquiátrico, a maioria nunca o teve (77%), 17.6% teve no passado e apenas 5.3% tinham acompanhamento aquando da participação no estudo. Relativamente à religiosidade, a maioria considerava-se crente (77%). Os pais biológicos tinham entre 1 a 5 filhos ($M = 1.97$; $DP = .76$). Os filhos sobre os quais responderam, eram maioritariamente do sexo feminino (52.9%) e tinham, à data do preenchimento do protocolo, idades compreendidas entre os 6 e os 12 anos ($M = 8.49$; $DP = 1.93$). Finalmente, dos pais biológicos, a maioria não recorreu a apoio técnico para os filhos (e.g., apoio escolar, apoio psicológico, apoio pedopsiquiátrico, terapia da fala) (61%).

Relativamente à amostra de pais adotivos, a maioria dos participantes era do sexo feminino ($n = 81$, 60%). A idade das mães variava entre os 31 e os 57 anos ($M = 44.2$; $DP = 5.75$) e a dos pais (masculinos) entre os 32 e 60 anos ($M = 45.3$; $DP = 6.42$). Respeitante à origem étnica, os pais adotivos eram maioritariamente caucasianos (92.6%). O nível SE dos participantes era maioritariamente alto (58.5%), seguido de um

nível SE médio/alto (25.9%). Os pais adotivos tinham na sua maioria completado o ensino superior (63%), seguido de 10 a 12 anos de escolaridade (16.3%). No que diz respeito à zona de residência, a maioria residia na zona Centro Sul (45.9%), outros residiam na zona Centro/Norte (17%) e Norte (16.3%). A maioria estava casada (82.2%), seguindo-se de solteiros (6.7%) e em união de facto (6.7%). Os pais casados ou em união de facto tinham entre 3 a 35 anos de convivência ($M = 16.2$; $DP = 5.82$). A maioria nunca teve acompanhamento psicológico/psiquiátrico (86.7%), 8.9% teve no passado e apenas 3.7% tinha aquando da participação no estudo. Relativamente à religiosidade, a maioria considerava-se crente (77%). Os pais adotivos tinham entre 1 a 5 filhos ($M = 1.64$; $DP = .92$). Os filhos sobre os quais responderam eram maioritariamente do sexo feminino (50.4%); tinham, à data do preenchimento do protocolo, idades compreendidas entre os 6 e os 12 anos ($M = 8.47$; $DP = 1.78$); tinham entre 0 a 10 anos de idade quando chegaram à família ($M = 2.62$; $DP = 2.32$); estavam na família entre 2 a 12 anos ($M = 6$; $DP = 1.93$). Finalmente, dos pais adotivos a maioria recorreu a apoio técnico para os filhos (e.g., apoio escolar, apoio psicológico, apoio pedopsiquiátrico, terapia da fala) (60%).

Procedimento de recolha de dados

Os dados da amostra foram recolhidos pela equipa de investigação do projeto de investigação supramencionado. A amostra foi de conveniência, utilizando-se o método bola-de-neve através das redes pessoais e profissionais dos investigadores. Os pais adotivos foram, na sua maioria, contactados via CTT através dos serviços de adoção do Instituto de Segurança Social e, no caso da região de Lisboa, através da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. O protocolo foi disponibilizado em papel e em versão *online* na plataforma Qualtrics. A maioria dos pais adotivos respondeu em papel e todos os pais biológicos responderam em formato digital. O protocolo incluía, para além dos questionários, um questionário sociodemográfico, consentimento informado, informação sobre o estudo, contato de *email* do projeto de investigação (para dúvidas ou outras questões relacionadas com o estudo) e indicação da possibilidade de recorrerem à consulta de adoção no serviço de adoção da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

Instrumentos e Variáveis em Estudo

Questionário sociodemográfico: questionário com um conjunto de questões para aceder aos dados sociodemográficos (e.g., sexo, idade, escolaridade, profissão; no caso dos pais adotivos, incluía também questões específicas sobre a adoção dos filhos).

Estilo Relacional dos pais: os estilos relacionais dos pais - seguro, preocupado, evitante-amedrontado e evitante-desligado - foram acedidos através do Questionário de Estilos Relacionais na sua versão portuguesa de Moreira (1995) do *Relationship Questionnaire* de Bartholomew & Horowitz (1991). Foi utilizada apenas a primeira parte do questionário, a qual inclui quatro itens descritivos de cada um dos estilos de vinculação². Pedia-se aos participantes que lessem cada parágrafo e escolhessem o que melhor os descrevia. As respostas dos participantes foram posteriormente reorganizadas numa variável dicotómica – estilo de vinculação seguro vs. inseguro (preocupado, evitante-amedrontado e evitante-desligado).

Stress Parental: o *stress* parental foi avaliado através do *Parental Stress Index – Short Form* de Abidin (1995) na sua versão portuguesa, Índice de *Stress* Parental – versão reduzida de Santos (2008). É composto por 36 afirmações que compõe três sub-escalas (distress parental, interação disfuncional e criança difícil) e uma pontuação de *stress* total, em que o participante deve selecionar numa escala, que vai de “Concorda completamente” até “Discorda completamente”, aquela que melhor exprime a sua situação. Exemplos de afirmações para a sub-escala Distress parental incluem “*Ter filhos tem causado mais problemas, do que eu esperava, no relacionamento com o meu marido/mulher*” e “*Esperava ter mais afeto por ele/a do que realmente tenho e isso aborrece-me*”. Para a sub-escala Interação disfuncional, um exemplo inclui “*Por vezes sinto que ele/a não gosta de mim e que não gosta de estar comigo*”. Finalmente, para a sub-escala Criança difícil, um exemplo inclui “*Perturba-se com a mais pequena coisa*”.

² Estes estilos de vinculação foram hipotetizados pelos autores no seu modelo e são os seguintes: seguro, preocupado, evitante-amedrontado e evitante-desligado. O estilo de vinculação seguro descreve indivíduos pouco ansiosos e evitantes e que não receiam o envolvimento em relações íntimas e de proximidade. O estilo de vinculação preocupado descreve indivíduos com elevada ansiedade e baixo evitamento, que procuram relações íntimas mas que receiam ser abandonados. O estilo de vinculação evitante-amedrontado descreve indivíduos com altos níveis de ansiedade e evitamento, baixa auto-estima e que necessitam de relações próximas mas que por não acreditarem no seu valor pessoal nem no dos outros, preferem manter-se distantes. O estilo de vinculação evitante-desligado descreve indivíduos com baixos níveis de ansiedade e altos níveis de evitamento e auto-estima, revelando uma perceção negativa do outro, o que os leva a evitar relações próximas e de intimidade.

No presente estudo, os alfas de Cronbach foram: .78, para a subescala distress parental, .79 para a subescala interação disfuncional e .87 para a subescala criança difícil, relevando, assim, uma boa consistência interna.

Clima Relacional Familiar: O clima relacional familiar foi avaliado através da sub-escala Dimensão Relacional da *Family Environment Scale* de Moos & Moos (1986), adaptação portuguesa de Matos & Fointaine (1992). A sub-escala Dimensão Relacional consiste em 27 afirmações. Os participantes respondem numa escala de Likert de 1 a 6 (1-discordo totalmente e 6-concordo totalmente) em cada uma das afirmações de acordo com o grau que melhor exprime a sua experiência. Usou-se uma versão bifatorial da escala – coesão familiar e conflito familiar -, à semelhança do estudo de Santos-Nunes, Narciso, Vieira-Santos & Roberto (2017). Exemplos de afirmações para a dimensão coesão familiar incluem “*Sentimo-nos muito unidos na minha família*” e para a dimensão conflito familiar, exemplos incluem “*As pessoas da minha família às vezes ficam tão nervosas que atiram coisas pelo ar*”. No presente estudo, a escala revelou igualmente um valor de alfa de Cronbach de .86, para a coesão familiar e .72, para o conflito familiar, revelando, assim, uma boa consistência interna.

Procedimento de análise de dados

A análise de dados foi feita com recurso ao *software* estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 22.0 (IBM, SPSS Inc., Armonk, NY). Inicialmente foi feita uma análise descritiva (médias e desvios-padrão) e de frequências dos dados demográficos para caracterização da amostra. De seguida, foi realizada uma comparação entre amostra biológica e adotiva relativamente à variável individual dos pais (padrões de vinculação dos pais), com recurso ao teste de Qui-Quadrado. Para a variável parental (*stress* parental) e para a variável familiar (clima relacional familiar) a comparação entre amostra biológica e adotiva foi feita com recurso ao teste de diferenças de médias de *T-Student*. Foi também realizada uma análise do padrão de correlações de todas as variáveis em estudo.

Finalmente, foram realizadas regressões Múltiplas Hierárquicas, com o objetivo de testar o contributo das variáveis independentes selecionadas, (sexo do participante, sexo da criança sobre a qual responde, padrão de vinculação dos pais, *stress* parental

relativo ao resultado de distress parental, ao resultado de interação disfuncional e ao resultado de criança difícil) para as variáveis dependentes do clima relacional familiar (conflito e coesão). Estas análises foram feitas separadamente para cada variável dependente e para cada uma das amostras (biológica e adotiva). Foram cumpridos os pressupostos para as regressões, ou seja, as variáveis são independentes, apresentam alguma correlação com as variáveis dependentes (coesão e conflito familiar), mas não se correlacionam fortemente entre si.

Resultados

Neste capítulo, são apresentados e descritos os resultados das análises estatísticas realizadas, começando por análises descritivas e comparações de médias, seguindo-se a análise de correlações e terminando com as análises de regressões. No que às regressões diz respeito, foram cumpridos os pressupostos para as regressões, ou seja, as variáveis são independentes apresentam alguma correlação com as dimensões dependentes (coesão e conflito familiar), mas não se correlacionam fortemente entre si. Os erros seguem uma distribuição normal, não se observam *outliers* nos dados, e no diagnóstico de multicolinearidade, observou-se que esta é inexistente, sendo todos os valores de VIF inferiores a 10 (entre 1 e 2.03).

Análises Descritivas e Comparação entre Grupos (Biológicos e Adotivos)

No quadro 1, estão representados os valores médios e respetivos desvios-padrão das variáveis e dimensões em estudo, estilo de vinculação (nas suas dimensões seguro e inseguro), distress parental, interação disfuncional, criança difícil, coesão e conflito familiar, sendo que para a variável estilo de vinculação utilizou-se apenas frequências, por ser uma variável categorial. Estão também representados os valores do teste de diferenças de médias *t-Student* relativos a pais adotivos e a pais biológicos e teste do *Qui-Quadrado*.

Analisando o resultado do teste de amostras independentes *Qui-Quadrado*, referente à variável estilo de vinculação, não se observam diferenças significativas entre pais biológicos ($M = 1.33$, $DP = .47$) e pais adotivos ($M = 1.3$, $DP = .46$); $\chi^2(1) = .211$, $p = .37$). Relativamente ao teste de amostras independentes *t-Student*, para a dimensão distress parental, também não se verificaram diferenças significativas entre pais biológicos ($M = 1.92$, $DP = .51$) e pais adotivos ($M = 1.87$, $DP = .52$); $t(320) = .75$, $p = .453$). Na dimensão interação disfuncional, observaram-se diferenças significativas nas médias entre pais biológicos ($M = 1.39$, $DP = .37$) e pais adotivos ($M = 1.58$, $DP = .45$); $t(320) = -3.97$, $p < .001$), sendo que pais adotivos reportam mais interações disfuncionais com os seus filhos do que pais biológicos. Na dimensão criança difícil, observaram-se diferenças significativas nas médias entre pais biológicos ($M = 1.78$, $DP = .595$) e pais adotivos ($M = 2.05$, $DP = .67$); $t(320) = -3.77$, $p < .001$), sendo que pais adotivos reportam níveis mais elevados de *stress* relacionado com os filhos do que pais biológicos. Relativamente à dimensão coesão familiar, não se observam diferenças significativas

entre pais biológicos ($M = 76.08$, $DP = 8.37$) e pais adotivos ($M = 76.42$, $DP = 8.57$); $t(312) = -.36$, $p = .721$). Finalmente, na dimensão conflito familiar, observaram-se diferenças significativas entre as médias de pais biológicos ($M = 17.87$, $DP = 4.92$) e pais adotivos ($M = 16.55$, $DP = 5.08$); $t(312) = 2.31$, $p = .022$), sendo que pais biológicos reportam maiores níveis de conflito familiar que pais adotivos.

Quadro 1

Estatísticas Descritivas das Variáveis e Dimensões em Estudo e Diferenças de Médias em função do Tipo de Parentalidade

	Pais Biológicos			Pais Adotivos			Diferenças entre grupos	
	N	M/%	DP	N	M/%	DP	χ^2/t	p
Estilos de vinculação	187			126			.211	.37
	Seguro - 126	67.4%		Seguro - 88	69.8%			
	Inseguro - 61	32.6%	-	Inseguro - 38	30.2%	-		
Distress Parental	187	1.92	.51	135	1.87	.52	.75	.453
Interação disfuncional	187	1.39	.37	135	1.58	.45	-3.97	.000
Criança Difícil	187	1.78	.595	135	2.05	.67	-3.77	.000
Coesão familiar	179	76.08	8.37	135	76.42	8.57	-.36	.721
Conflito Familiar	179	17.87	4.92	135	16.55	5.08	2.31	.022

Nota. Os valores apresentados a negrito nas estatísticas descritivas correspondem às percentagens de estilos de vinculação.

Os valores apresentados a negrito nas diferenças entre grupos correspondem à estatística de Qui-quadrado.

Análise de Correlações

No quadro 2, estão apresentados os resultados das correlações entre as variáveis e dimensões analisadas em pais biológicos e em pais adotivos, respetivamente.

Analisando os resultados referentes aos pais biológicos, verificou-se que a variável estilo de vinculação³ tem uma correlação fraca positiva com as dimensões distress parental, interação disfuncional, criança difícil e conflito familiar e uma correlação moderada negativa com a dimensão coesão familiar. A dimensão distress tem também uma correlação fraca positiva com as dimensões criança difícil e conflito familiar, uma correlação moderada positiva com a dimensão interação disfuncional e correlação moderada negativa com a dimensão coesão familiar. No que diz respeito à dimensão interação disfuncional, para além das correlações anteriormente referidas, tem também correlação fraca positiva com a dimensão conflito familiar, correlação moderada negativa com a dimensão coesão familiar e correlação forte positiva com a dimensão criança difícil. Quanto à dimensão criança difícil, para além das correlações já mencionadas, tem também uma correlação fraca positiva com a dimensão conflito familiar e correlação moderada negativa com a dimensão coesão familiar. Finalmente, a dimensão coesão familiar para além das correlações já referidas, apresenta uma correlação moderada negativa com a dimensão conflito familiar.

Analisando os resultados referentes aos pais adotivos, verificou-se que a variável estilo de vinculação tem uma correlação fraca positiva com as dimensões interação disfuncional, criança difícil e conflito familiar, correlação fraca negativa com a dimensão coesão familiar e correlação moderada positiva com a dimensão distress parental. A dimensão distress parental, para além da correlação já mencionada, tem também uma correlação moderada positiva com a dimensão criança difícil, correlação moderada negativa com a dimensão coesão familiar e correlações fortes positivas com as dimensões interação disfuncional e conflito familiar. No que diz respeito à dimensão interação disfuncional, para além das correlações anteriormente referidas, tem também uma correlação moderada negativa com a dimensão coesão familiar e correlações fortes com as dimensões criança difícil e conflito familiar. Quanto à dimensão criança difícil, para além das correlações já mencionadas, tem também uma relação moderada negativa com

³ Note-se que esta variável foi codificada, no SPSS, da seguinte forma: 1 – vinculação segura; 2 – vinculação insegura.

a dimensão coesão familiar e uma correlação moderada positiva com a dimensão conflito familiar. Finalmente, a dimensão coesão familiar para além das correlações já referidas, tem também uma correlação moderada negativa com a dimensão conflito familiar.

Quadro 2

Correlações das Variáveis e Dimensões em Estudo para Pais Biológicos e Adotivos

Variáveis e dimensões	1	2	3	4	5	6						
1. Estilo de vinculação	--	--										
2. Distress Parental	.219**	.402**	--	--								
3. Interação Disfuncional	.260**	.272**	.434**	.590**	--	--						
4. Criança Difícil	.212**	.170	.287**	.465**	.640**	.588**	--	--				
5. Coesão Familiar	-.369**	-.248**	-.450**	-.459**	-.493**	-.393**	-.339**	-.308**	--	--		
6. Conflito Familiar	.175*	.136	.187*	.532**	.180*	.518*	.243**	.416**	-.420**	-.422**	--	--

Nota. Os valores apresentados a negrito correspondem ao grupo de pais adotivos.

*. A correlação é significativa no nível 0.05 ($p < 0.05$). **. A correlação é significativa no nível 0.01 ($p < 0.01$).

Modelos de Regressões Múltiplas Hierárquicas

Os modelos de regressões foram aplicados para examinar a influência dos fatores individuais dos pais e dos fatores relativos à parentalidade, em cada uma das dimensões do clima relacional familiar - coesão e conflito familiar. Foram efetuadas análises separadas para o grupo de pais biológicos e para o grupo de pais adotivos. Cada uma das análises constitui-se por dois passos, o passo 1, onde foi introduzido o sexo dos pais e o sexo das crianças e o passo 2, onde foram adicionados o estilo de vinculação dos pais, as dimensões distress parental, interação disfuncional e criança difícil.

A análise relativa à coesão familiar em pais biológicos encontra-se representada no Quadro 3. O primeiro modelo, não se revelou significativo, $F(2, 175) = 1.03, p = .360$. O segundo modelo explicou, de forma significativa, $F(6, 171) = 16.26, p < .001$, 36.3% da variância da coesão familiar. Observou-se que uma variável e duas dimensões estavam significativamente associadas a valores mais baixos de coesão familiar: o estilo de vinculação (inseguro) ($\beta = -.22, p .001$); o distress parental ($\beta = -.27, p < .001$); e a interação disfuncional ($\beta = -.29, p .001$).

A análise relativa ao conflito familiar em pais biológicos encontra-se representado no Quadro 4. O primeiro modelo não se revelou significativo, $F(2, 175) = 1.85, p = .160$. O segundo modelo explicou 10.6% da variância do conflito familiar, $F(6, 171) = 3.37, p = .004$. Verificou-se que a dimensão criança difícil estava significativamente associada a valores mais elevados de conflito familiar ($\beta = .26; p .020$).

Para pais adotivos, o modelo relativo à coesão familiar encontra-se representado no Quadro 5. As dimensões introduzidas no primeiro modelo não revelaram uma associação significativa com a variável em análise, $F(2, 123) = .024, p = .977$. O segundo modelo explicou 24.4% da variância da coesão familiar, $F(6, 119) = 6.32, p < .001$, verificando-se uma associação significativa entre a dimensão distress parental e valores mais baixos de coesão familiar ($\beta = -.31, p .004$), contribuindo significativamente a diminuição da coesão familiar percebida por pais adotivos.

Finalmente, para o conflito familiar em pais adotivos, a análise encontra-se representada no Quadro 6. O primeiro modelo explicou 1.7% da variância do conflito familiar, $F(2, 123) = 1.06, p = .349$. O segundo modelo explicou 38.2% da variância do conflito familiar, $F(6, 119) = 12.26, p < .001$, estando as dimensões distress parental ($\beta =$

.35; $p < .001$) e interação disfuncional ($\beta = .26$; $p .010$) significativamente associadas a níveis mais elevados de conflito familiar.

Quadro 3

Análise de Regressão Múltipla Hierárquica para a Dimensão Coesão Familiar, em Pais Biológicos

Variáveis e dimensões	Modelo 1			Modelo 2		
	<i>B</i>	SE <i>B</i>	β	<i>B</i>	SE <i>B</i>	β
Sexo dos pais	1.83	1.63	.09	1.31	1.35	.06
Sexo da criança	-1.11	1.26	-.07	-.146	1.04	-.009
Estilo de vinculação	--	--	--	-3.96	1.14	-.22**
Distress parental	--	--	--	-4.4	1.13	-.27***
Interação disfuncional	--	--	--	-6.62	1.96	-.29**
Criança Difícil	--	--	--	-.411	1.34	-.03
ΔR^2		.012			.352	

* $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

Quadro 4

Análise de Regressão Múltipla Hierárquica para a Dimensão Conflito Familiar, em Pais Biológicos

Variáveis e dimensões	Modelo 1			Modelo 2		
	<i>B</i>	SE <i>B</i>	β	<i>B</i>	SE <i>B</i>	β
Sexo dos pais	.26	.95	.02	.13	.94	.01
Sexo da criança	1.4	.74	.14	1.4	.72	.14
Estilo de vinculação	--	--	--	1.28	.79	.12
Distress parental	--	--	--	.99	.79	.10
Interação disfuncional	--	--	--	-.74	1.37	-.06
Criança Difícil	--	--	--	1.86	1.37	.26*
ΔR^2		.021			.085	

* $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

Quadro 5

Análise de Regressão Múltipla Hierárquica para a Dimensão Coesão Familiar, em Pais Adotivos

Variáveis e dimensões	Modelo 1			Modelo 2		
	<i>B</i>	SE <i>B</i>	β	<i>B</i>	SE <i>B</i>	β
Sexo dos pais	-.31	1.57	-.02	.56	1.41	.03
Sexo da criança	.13	1.54	.01	.58	1.39	.03
Estilo de vinculação	--	--	--	-1.42	1.65	-.08
Distress parental	--	--	--	-5.15	1.78	-.31**
Interação disfuncional	--	--	--	-2.89	2.11	-.15
Criança Difícil	--	--	--	-.89	1.31	-.07
ΔR^2		.000			.241	

* $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

Quadro 6

Análise de Regressão Múltipla Hierárquica para a Dimensão Conflito Familiar, em Pais Adotivos

Variáveis e dimensões	Modelo 1			Modelo 2		
	<i>B</i>	SE <i>B</i>	β	<i>B</i>	SE <i>B</i>	β
Sexo dos pais	.37	.92	.04	-.29	.75	-.03
Sexo da criança	-1.25	.91	-.12	-1.41	.74	-.14
Estilo de vinculação	--	--	--	-.87	.88	-.08
Distress parental	--	--	--	3.47	.94	.35***
Interação disfuncional	--	--	--	2.95	1.13	.26*
Criança Difícil	--	--	--	.98	.70	.13
ΔR^2		.017			.365	

* $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

Discussão

Este estudo pretende contribuir para a investigação na área da parentalidade adotiva, procurando, analisar áreas do funcionamento familiar e parental, e do funcionamento individual dos pais. Pretendeu-se contribuir especificamente para o enriquecimento do conhecimento científico na área do clima relacional em famílias adotivas, dada a escassez da investigação empírica neste âmbito, tal como foi possível constatar através da revisão de literatura efetuada. Neste sentido, os objetivos centraram-se na comparação entre pais adotivos e biológicos relativamente às variáveis em estudo - vinculação dos pais, *stress* parental e clima relacional familiar -, na análise da relação das variáveis entre si, e, finalmente, na análise dos contributos do *stress* parental e dos estilos de vinculação dos pais para o clima relacional familiar.

A nível da vinculação dos pais, a hipótese inicial, H1, não foi confirmada, uma vez que não se verificaram diferenças significativas entre pais biológicos e adotivos relativamente à vinculação segura e insegura. Apesar de, tanto quanto é do nosso conhecimento, não existirem estudos específicos com pais adotivos acerca dos seus estilos de vinculação, estes resultados parecem ser consonantes com os encontrados em estudos que analisaram os estilos de vinculação de futuros pais, adotivos e biológicos, (e.g., Calvo et al., 2015; Pace et al., 2015), indicando que futuros pais adotivos apresentam mais indicadores de vinculação segura (menor ansiedade e evitamento).

A segunda hipótese, H2, foi parcialmente refutada, verificando-se que os pais adotivos reportaram mais *stress* em duas das três dimensões avaliadas. A literatura existente não é consensual, uma vez que alguns estudos concluem que as famílias adotivas apresentam níveis mais elevados de *stress* parental (e.g., McGlone et al., 2002; Rijk et al., 2006) enquanto outros afirmam que estas famílias apresentam níveis mais baixos de *stress* parental (e.g., Brodzinsky e Pinderhughes, 2002; Ceballo, Lansford, Abbey e Stewart, 2004; Palacios e Sánchez-Sandoval, 2006). É plausível supor que os resultados encontrados se devam às características da adoção em Portugal, que tem mais semelhanças com o que a investigação norte-americana chama de adoções de crianças com necessidades especiais e que, por isso, os pais adotivos portugueses sintam maiores níveis de *stress* relacionados com o ser pai de crianças que têm já uma história prévia familiar

marcada por forte adversidade associada a problemas de desenvolvimento e/ou emocionais decorrentes dessas experiências.

Na área do clima relacional familiar, os estudos com famílias adotivas são escassos, focados maioritariamente na comunicação aberta acerca da adoção (e.g., Horstman, Colaner & Rittenour, 2016; Martin, Kelly, & Towner-Thyrum, 1999; Rueter, et al., 2009) e no impacto da qualidade da comunicação no desenvolvimento de crianças adotadas. Não é estranho que assim seja, porque a investigação com famílias adotivas tem-se preocupado em estudar os padrões de desenvolvimento das crianças adotadas e o impacto da experiência de adoção (Palacios & Brodzinsky, 2010), e só recentemente se focou nos processos familiares. Os resultados de que pais adotivos e biológicos não diferem no grau de coesão familiar reportada, mas que pais adotivos reportam menores níveis de conflito familiar, confirmam parcialmente a nossa terceira hipótese, H3. Rebollo e Molina (2005) também encontraram, no seu estudo, que famílias adotivas reportavam menores níveis de conflito familiar, contudo, não analisaram dentro do clima relacional familiar, a coesão familiar. Já Martin, Kelly, & Towner-Thyrum (1999), associaram coesão e conflito familiar, reportando que a coesão familiar mais elevada estava associada a menores níveis de conflito. Deste modo, também a literatura revista, suporta apenas parcialmente os nossos resultados.

Relativamente às relações das variáveis entre si, de acordo com a quarta hipótese, H4, esperava-se que, para ambos os grupos de pais, quanto mais segura fosse a vinculação, menor seria o *stress* parental e o conflito familiar e maior seria a coesão familiar. Pode-se considerar que os resultados suportam esta hipótese, embora as correlações entre as variáveis sejam na sua maioria, fracas. Alguns estudos apontam a influência dos estilos de vinculação no clima relacional familiar, mais especificamente na coesão (e.g., Mikulincer & Florian, 1999; Santos, Crespo, Canavarro & Kazak, 2016). A relação do estilo de vinculação, com o *stress* parental, também está presente na investigação mais atual. Salcuni, Miconi, Altoè e Moscardino (2015), estudaram a relação entre estas variáveis, concluindo que a vinculação insegura dos pais influencia a forma como estes encaram os stressores da parentalidade, levando a níveis mais elevados de *stress* parental. Estes resultados vão de encontro a outros verificados em dois estudos com pais biológicos (e.g., Nygren, Carstensen, Ludvigsson, & Sepa Frostell, 2012; Rholes, Simpson & Friedman, 2006). A nossa quinta hipótese, H5, foi confirmada, verificando-se que quanto maior o *stress* parental (nas três dimensões), menor a coesão e maior o

conflito. Crnic e Acevedo (cit. por Goldberg & Smith, 2014) já apontaram, no seu estudo de 1995, para a associação de stress parental a maiores níveis de conflito familiar. Contudo, a associação entre stress parental a coesão familiar, tanto quanto é do nosso conhecimento não está reportada na literatura.

Relativamente às hipóteses 6 e 7, associadas ao último objetivo do presente estudo – analisar os contributos da variável individual dos pais (estilo de vinculação) e da variável parental (*stress* parental) para a variável familiar (clima relacional familiar) –, verificou-se que foram apenas parcialmente confirmadas: nem todas as dimensões de *stress* contribuíram para o clima relacional familiar de ambos os grupos e o estilo de vinculação não contribuiu para o clima relacional familiar nos pais adotivos. Assim sendo, o estilo de vinculação inseguro dos pais biológicos foi preditor de menor coesão familiar, mas o mesmo não se observou nos pais adotivos. Relativamente ao *stress* parental, no que concerne aos pais biológicos, as dimensões distress parental e interação disfuncional foram predictoras de menor coesão, e a dimensão criança difícil foi preditora de maior conflito familiar. Considerando os pais adotivos, apenas a dimensão distress parental foi preditora de menor coesão, contribuindo também para maior conflito, a par da dimensão interação disfuncional. A literatura revista não nos dá um fundamento para estes resultados, para além dos estudos já mencionados de Mikulincer & Florian (1999) e Santos, Crespo, Canavarro & Kazak, (2016), que suportam a influência dos estilos de vinculação na coesão e do estudo de Crnic e Acevedo citado por por Goldberg & Smith (2014) que suporta a influência do *stress* parental no conflito familiar. Deste modo, temos boa razão para crer que estamos na presença de novo conhecimento na área do clima relacional familiar, não só em famílias adotivas, como também biológicas.

Conclusão

A presente investigação centrou-se particularmente na análise das relações entre vinculação dos pais, *stress* parental e clima relacional familiar. Os principais resultados sugerem que pais adotivos apresentam níveis mais elevados de *stress* parental nas dimensões interação disfuncional e criança difícil, e níveis mais baixos de conflito familiar, comparativamente com pais biológicos. Observou-se também, em ambos os grupos de pais, uma associação positiva, embora que fraca ou moderada, entre vinculação insegura e *stress* parental (nas três dimensões, à exceção da dimensão criança difícil em pais adotivos); uma associação negativa entre vinculação insegura e *stress* parental; uma associação negativa entre vinculação insegura e coesão familiar; e uma associação positiva entre *stress* parental (nas três dimensões) e conflito familiar, mais forte em pais adotivos. Finalmente, nas famílias adotivas, as dimensões do *stress* parental interação disfuncional e criança difícil têm um papel relevante no clima relacional familiar, estes resultados também se encontram nas famílias biológicas, com a particularidade do estilo de vinculação também influenciar o clima relacional familiar.

Como em todas as investigações, este estudo apresentou algumas limitações, que podem servir de guias para investigações futuras. Primeiramente, não foram consideradas algumas variáveis sociodemográficas específicas da adoção, como por exemplo a idade da retirada das crianças às famílias biológicas. Uma vez que as adoções em Portugal incluem maioritariamente crianças que foram institucionalizadas por serem retiradas às famílias biológicas, parece pertinente incluir este dado na investigação. A experiência de institucionalização e o que isso acarreta, maus-tratos na família biológica, negligência, abusos e a própria experiência de viver numa instituição, deixam sequelas e apresentam desafios às famílias adotivas. Estas experiências adversas prévias da criança são também um dado interessante a incluir e não foram analisadas neste estudo. Finalmente, características como o tempo de chegada à família adotiva e o tempo na família adotiva poderiam ser contempladas na investigação futura, por influenciarem aspetos dos processos familiares, tais como o sentimento de coesão.

Os resultados obtidos, embora não muito vastos, são bons guias para a intervenção nas famílias, em particular nas adotivas que estão naturalmente mais predispostas a dificuldades. Os nossos resultados são particularmente interessantes na intervenção preventiva, por estas famílias enfrentarem desafios não só no processo legal da adoção,

mas também nos processos familiares específicos. Sabe-se que um clima relacional familiar saudável e positivo contribui para a criação de uma criança saudável, sendo possivelmente ainda mais importante no acolhimento de uma criança que já tem uma história familiar prévia, ao se saber que áreas tem mais influência no mesmo, mais facilmente se poderá “treinar” futuros pais adotivos, ou pais em processo de adoção para lidarem com situações de *stress* que derivam da parentalidade em si. Deste modo, estes resultados poderão ser importantes para integrar em programas dentro da parentalidade adotiva, quer para a promoção de competências, quer para os técnicos que acompanham estas famílias. Os mesmos resultados são também relevantes na parentalidade biológica, possivelmente mais na área da resolução de problemas, tendo em conta que estas famílias normalmente só pedem apoio quando o problema já existe.

Referências Bibliográficas

- Atkinson, A., & Gonet, P. (2007). Strengthening adoption practice, listening to adoptive families. *Child Welfare*, 86(2), 87–104.
- Barth, R., P., Crea, T., M., John, K., Thoburn, J., & Quinton, D. (2005). Beyond attachment theory and therapy: Towards sensitive and evidence-based intervention with foster and adoptive families in distress. *Child and Family Social Work*, (10), 257–268. <http://doi.org/10.1111/j.1365-2206.2005.00380.x>
- Bartholomew, K., & Horowitz, L., M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61, 226-244. doi:10.1037/0022-3514.61.2.226
- Berástegui, A. (2007). La adaptación familiar en adopción internacional: Un proceso de estrés y afrontamiento. *Anuario de Psicología*, 38(2), 209–224.
- Brodzinsky, D., M. (1990). A Stress and coping model of adoption adjustment. In D. M. Brodzinsky & Schechter, M., D. (Eds.), *The Psychology of Adoption* (Primeira Ed, pp. 3-24). Nova Iorque: Oxford University Press.
- Brodzinsky, D., M., & Huffman, I. (1988). Transition to adoptive parenthood. *Marriage and Family Review*, 6, 267–286.
- Brodzinsky, D., M., & Pinderhughes, E. (2002). Parenting and child development in adoptive families. In Bornstein, M., H. (Ed.), *Children and Parenting – Vol. 1*, (pp. 279-313). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Calvo, V., Palmieri, A., Codamo, A., Scampoli, M., R., & Bianco, F. (2015). Perceptions of parental bonding, adult attachment, and marital adjustment in prospective adoptive parents. An empirical study in the pre-adoptive period. *Sexual and Relationship Therapy*, 30(4), 419–432.
- Carnes-Holt, K. (2012). Child parent relationship therapy for adoptive families. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 20(4), 419–426. <http://doi.org/10.1177/1066480712451242>

- Ceballo, R., Lansford, J., E., Abbey, A., & Stewart, A., J. (2004). Gaining a child: Comparing the experiences of biological parents, adoptive parents, and stepparents. *Family Relations*, 53(1), 38–48.
- Cummings, E., M., & Schatz, J., N. (2012). Family conflict, emotional security, and child development: Translating research findings into a prevention program for community families. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 15, 14–27. <http://doi.org/10.1007/s10567-012-0112-0>
- Deater-Deckard, K. (1998). Parenting stress and child adjustment: Some Old Hypotheses and New Questions. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 5(3), 314–332. <http://doi.org/10.1111/j.1468-2850.1998.tb00152.x>
- Deater-Deckard, K., Smith, J., Ivy, L., & Petrill, S., A. (2005). Differential perceptions of and feelings about sibling children: Implications for research on parenting stress. *Infant and Child Development*, 14(2), 211–225. <http://doi.org/10.1002/icd.389>
- Farr, R., H., Forssell, S., L., & Patterson, C. J. (2010). Parenting and child development in adoptive families: Does parental sexual orientation matter? *Applied Developmental Science*, 14(3), 164–178. <http://doi.org/10.1080/10888691.2010.500958>
- Ferreira, S., Pires, A., & Salvaterra, F. (2004). Filho do coração... Adopção e comportamento parental. *Análise Psicológica*, 22(2), 399–411. <http://doi.org/10.14417/ap.200>
- Goldberg, A., E., & Smith, J., Z. (2014). Predictors of parenting stress in lesbian, gay, and heterosexual adoptive parents during early parenthood. *Journal of Family Psychology*, 28(2), 125–137. <http://doi.org/10.1037/a0036007>
- Groza, V., & Muntean, A. (2016). A description of attachment in adoptive parents and adoptees in romania during early adolescence. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 33, 163–174. <http://doi.org/10.1007/s10560-015-0408-2>

- Guba, E., & Lincoln, Y. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In Denzin, N., K., & Lincoln, Y., S. (Eds.), *Handbook of Qualitative Research* (pp. 105-117). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Hodges, J. (2008). Adoption and fostering. *Psychiatry*, 4(7), 290–294. <http://doi.org/10.1016/j.mppsy.2008.05.004>
- Horstman, H., K., Colaner, C., W. & Rittenour, C., E. (2016) Contributing factors of adult adoptees' identity work and self-esteem: Family communication patterns and adoption-specific communication, *Journal of Family Communication*, 16:3, 263-276. <http://doi.org/10.1080/15267431.2016.1181069>
- Howat-Rodrigues, A., B., C., Tokumaru, R., S., Amorim, T., N., de Garcia, A., & Izar, P. (2013). Genetic and adoptive motherhood: Stress, marital relationship, and child care support. *International Journal of Psychology*, 48(6), 1212–1220. <http://doi.org/10.1080/00207594.2013.789879>
- Ji, J., Brooks, D., Barth, R., P., & Kim, H. (2010). Beyond preadoptive risk: The impact of adoptive family environment on adopted youth's psychosocial adjustment. *American Journal of Orthopsychiatry*, 80(3), 432–442. <http://doi.org/10.1111/j.1939-0025.2010.01046.x>
- Jones, J., D., Cassidy, J., & Shaver, P., R. (2014). Parents' self-reported attachment styles: A review of links with parenting behaviors, emotions, and cognitions. *Personality and Social Psychology Review*, 1–33. <http://doi.org/10.1177/1088868314541858>
- Judge, S. (2003). Determinants of parental stress in families adopting children from eastern Europe. *Family Relations*, 52(3), 241–248. <http://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2003.00241.x>
- Levy-Shiff, R., Goldshmidt, I., & Har-Even, D. (1991). Transition to parenthood in adoptive families. *Developmental Psychology*, 27(1), 131–140. <http://doi.org/10.1037/0012-1649.27.1.131>
- Lionetti, F. (2014). What promotes secure attachment in early adoption? The protective roles of infants' temperament and adoptive parents' attachment. *Attachment &*

Human Development, 16(6), 573–589.
<http://doi.org/10.1080/14616734.2014.959028>

Lionetti, F., Pastore, M., & Barone, L. (2015). Parenting stress: The roles of attachment states of mind and parenting alliance in the context of adoption. *Parenting*, 15, 75–91. <http://doi.org/10.1080/15295192.2015.1020142>

Lucey, C. & Lam, S. (2011). Predicting suicide risks among outpatient adolescents using the family environment scale: Implications for practice and research. *International Journal For The Advancement Of Counselling*, 34(2), 107–117. <http://dx.doi.org/10.1007/s10447-011-9140-6>

Martin, B., Kelly, M. M., & Towner-Thyrum, E. (1999). Adoptive family adjustment and its relation to perceived family environment. *Adoption Quarterly*, 3(1), 49–60. http://doi.org/10.1300/J145v03n01_04

McGlone, K., Santos, L., Kazama, L., Fong, R., & Mueller, C. (2002). Psychological stress in adoptive parents of special-needs children. *Child Welfare League of America*, 81(2), 151–172.

McKay, K., & Ross, L. E. (2010). The transition to adoptive parenthood: A pilot study of parents adopting in Ontario, Canada. *Children and Youth Services Review*, 32, 604–610. <http://doi.org/10.1016/j.childyouth.2009.12.007>

Mikulincer, M., & Florian, V. (1999). The association between spouses self-reports of attachment styles and representations of family dynamics. *Family Process*, 38(1999), 69–83. <http://doi.org/10.1111/j.1545-5300.1999.00069.x>

Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2007). *Attachment in adulthood: Structure, dynamics, and change*. New York, NY: The Guilford Press.

Mikulincer, M., Shaver, P., R., Gillath, O., & Nitzberg, R., A. (2005). Attachment, caregiving, and altruism: Boosting attachment security increases compassion and helping. *Journal of Personality and Social Psychology*, 89(5), 817–839. <http://doi.org/10.1037/0022-3514.89.5.817>

- Muñoz, I., M., B., Rebollo, M., J., F., & Molina, M., F. (2005). Percepción del grado de conflicto en familias adoptivas y no adoptivas. *Psicothema*, 17(3), 370–374.
- Nygren, M., Carstensen, J., Ludvigsson, J., & Sepa Frostell, A. (2012). Adult attachment and parenting stress among parents of toddlers. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 30(3), 289–302. <http://doi.org/10.1080/02646838.2012.717264>
- Pace, C., S., Santona, A., Zavattini, G., C., & Folco, S., D. (2015). Attachment states of mind and couple relationships in couples seeking to adopt. *Journal of Child and Family Studies*, 24, 3318–3330. <http://doi.org/10.1007/s10826-015-0134-6>
- Palacios, J., & Brodzinsky, D. (2010). Review: Adoption research: Trends, topics, outcomes. *International Journal of Behavioral Development*, 34(3), 270–284. <http://doi.org/10.1177/0165025410362837>
- Palacios, J., & Sanchez-Sandoval, Y. (2006). Stress in parents of adopted children. *International Journal of Behavioral Development*, 30(6), 481–487. <http://doi.org/10.1177/0165025406071492>
- Rijk, C., H., A., M., Hoksbergen, R., A., C., ter Laak, J., J., F., van Dijkum, C., & Robbroeckx, L., H., M. (2006). Parents who adopt deprived children have a difficult task. *Adoption Quarterly*, 9(2-3), 37–61. http://doi.org/10.1300/J145v09n02_03
- Roberson, K., C. (2006). Attachment and caregiving behavioral systems in intercountry adoption: A literature review. *Children and Youth Services Review*, 28, 727–740. <http://doi.org/10.1016/j.childyouth.2005.07.008>
- Rholes, W., S., Simpson, J., A., & Friedman, M. (2006). Avoidant attachment and the experience of parenting. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 32(3), 275–285. <http://doi.org/10.1177/0146167205280910>
- Rosser-Limiñana, A. (2015). Características y retos de las familias adoptivas en su transición a la parentalidad. *Boletín Científico Sapiens Research*, 5(2), 13–20.

- Rueter, M., A., Keyes, M., A., Iacono, W., G., & McGue, M. (2009). Family interactions in adoptive compared to nonadoptive families. *Journal of Family Psychology*, 23(1), 58–66. <http://doi.org/10.1016/j.surg.2006.10.010>.
- Salcuni, S., Miconi, D., Altoè, G., & Moscardino, U. (2015). Dyadic adjustment and parenting stress in internationally adoptive mothers and fathers: The mediating role of adult attachment dimensions. *Frontiers in Psychology*, 6, 1–10. <http://doi.org/10.3389/fpsyg.2015.01279>
- Sánchez-Sandoval, Y., & Palacios, J. (2012). Stress in adoptive parents of adolescents. *Children and Youth Services Review*, 34(7), 1283–1289. <http://doi.org/10.1016/j.chilyouth.2012.03.002>
- Santona, A., & Zavattini, G., C. (2005). Partnering and parenting expectations in adoptive couples. *Sexual and Relationship Therapy*, 29(3), 309–322. <http://doi.org/10.1080/14681990500142004>
- Santos, S., V. (2008, October). *Forma reduzida do Parenting Stress Index (PSI): Estudo preliminar* [Parenting Stress Index (PSI) - Short Form: Preliminary study]. XIII Conferência Internacional Avaliação Formas e Contextos, Braga.
- Santos-Nunes, M., Narciso, I., Vieira-Santos, S., & Roberto, M., S. (2017). *Families with adoptive versus adoptive and biological children: Children adjustment, parenting stress and relational family environment*. Manuscrito Submetido para Publicação.
- Santos, S., Crespo, C., Canavarro, M., C., & Kazak, A., E. (2016). Parents' romantic attachment predicts family ritual meaning and family cohesion among parents and their children with cancer. *Journal of Pediatric Psychology*, 1–11. <http://doi.org/10.1093/jpepsy/jsw043>
- Shaver, P., R., & Mikulincer, M. (2013). Adult attachment and emotion regulation. In Gross, J., J. (Ed.), *Handbook of Emotion Regulation* (Segunda Ed, pp. 237–250). Nova Iorque: The Guilford Press.

- Triseliotis, J., & Hill, M. (1990) Contrasting Adoption, Foster Care, and Residential Rearing. In Brodzinsky, D., M. & Schechter, M., D. (Eds.), *The Psychology of Adoption* (Primeira Ed, pp. 107-120). Nova Iorque: Oxford University Press.
- Viana, A., G., & Welsh, J., A. (2010). Correlates and predictors of parenting stress among internationally adopting mothers: A longitudinal investigation. *International Journal of Behavioral Development*, 34(4), 363–373. <http://doi.org/10.1177/0165025409339403>
- Xing Tan, T., Camras, L., A., Deng, H., Zhang, M., & Lu, Z. (2012). Family stress, parenting styles, and behavioral adjustment in preschool-age adopted Chinese girls. *Early Childhood Research Quarterly*, 27(1), 128–136. <http://doi.org/10.1016/j.ecresq.2011.04.002>
- Yoo, Y., S., Adamsons, K., L., Robinson, J., L., & Sabatelli, R., M. (2015). Longitudinal influence of paternal distress on children's representations of fathers, family cohesion, and family conflict. *Journal of Child and Family Studies*, 24, 591–607. <http://doi.org/10.1007/s10826-013-9870-7>